

LINHA VIVA

Nº 243
30/09/93

A Intersindical assina hoje, quinta-feira, às 14 horas o acordo com a Celesc. A proposta da empresa foi aprovada nas assembléias, com excessão de Itajaí. Na noite de quarta-feira, antes do fechamento desta edição, estes empregados estavam rediscutindo a deflagração de uma greve.

ACORDO



Em frente à DRT, eletricitários de todo o estado acompanharam as negociações com a Celesc, que acabou em acordo.

- Inicia a campanha salarial na Eletrosul. Pag. 7
- Sinergia mostra vídeo inglês sobre a Globo. Pag. 8
- Revisão Constitucional: o golpe está na moda. Pag. 6



Retratos da fome: o repórter Jacques Mick acompanhou a entrega de cesta básicas nas favelas de Florianópolis. Veja na página central

Súmula do TST não agiliza pagamento do Plano Bresser

A publicação de uma Súmula do Tribunal Superior do Trabalho, reconhecendo que todos os trabalhadores têm direito a receber as perdas consolidadas pelo Plano Bresser (junho 1987, 26,06%), causou um enorme número de telefonemas aos sindicatos por parte dos trabalhadores que ainda não receberam o Bresser, especialmente da Eletrosul. Só que a coisa não é bem assim...

Nilo Kaway Jr., assessor jurídico da Intersindical esclarece que a Súmula não altera em nada a situação do pessoal da Eletrosul. "Quem não entrou com a ação já perdeu o direito, pois houve prescrição, e os demais permanecem dependendo que a diretoria da Eletrosul resolva pagar", explica o advogado. Na verdade a atitude do TST tem pouca eficácia prática.

Aniversário com luta

Segunda-feira passada foi um dia como qualquer outro na sede do SINERGIA, isto é, um dia agitado. Campanhas da Celesc e Eletrosul, tarefas administrativas, pressões da conjuntura que exigem respostas e tomadas de decisão a cada momento. Enfim, diretores e funcionários foram envolvidos também neste dia, pelas tensões permanentes que fazem, o cotidiano da vida sindical.

Mas dia 27 na verdade, não é um dia comum. Pelo contrário, representa um marco na vida de todo eletricitário. Dia 27 de setembro foi o aniversário do SINERGIA. Desta vez não houve festa, a lembrança do aniversário se misturou ao ritmo das campanhas da Celesc e Eletrosul e, com a luta de cada dia, se comemorou os 32 anos de luta da entidade.

Faltou luz

No início deste mês, dia 6 de setembro, a cidade de Trombudo Central ficou às escuras das 18h35min às 19 horas. O fato aconteceu porque houve atuação do disjuntor de baixa tensão do transformador 138/13,8 Kv, da subestação da cidade.

Este fato virou notícia porque nada disto teria acontecido de houvesse operador naquela subestação. Qualquer operador teria resolvido o problema no máximo em três minutos. Paulo Kramatscheck, do Sindicato do Vale do Itajaí diz que "a população da cidade não enten-

de porque investiram tanto em construir a subestação e depois abandonam a cidade às escuras por falta de quem operá-la. Estão indignados."

Segundo o sindicalista o bom atendimento ao consumidor é que dá credibilidade à empresa. "Este problema pode resultar em ameaça ao patrimônio da Celesc. É necessário que se assumam publicamente de quem foi o ato de retirada dos operadores de Trombudo para que se possa no futuro responsabilizá-lo pelos danos que vierem a ocorrer".

Ele só pensa naquilo

O presidente da Celesc, Raimundo Colombo, e também candidato ao governo do Estado, acabou se delatando durante um programa de entrevistas na televisão, terça-feira ao meio-dia. Ele mostrou que está com idéia fixa ao trocar várias vezes a expressão "lei salarial" por "lei eleitoral", quando falava da campanha salarial dos empregados da Celesc. O ato falho mereceu um "puxão de orelhas" por parte dos jornalistas.

Sem Controle

O Núcleo de Qualidade e Produtividade da Eletrosul se autodissolveu por não conseguir desempenhar seu papel. A gota d'água foi o recente enquadramento do Plano de Cargos e Salários, feito à revelia do grupo, que discordou dos critérios utilizados.

Impeachment neles

O Conselho de Curadores da Celos tomou uma decisão, semana passada, inédita na história da administração de fundações deste tipo: afastou do cargo o presidente e o diretor de seguridade da Celos. O impeachment deverá durar até amanhã, quando o Conselho se reúne para deliberar definitivamente sobre o problema. A medida foi causada pelo fato da Celesc não estar cumprindo o estatuto social da fundação.

Estreando na nova gestão

Reuniu-se ontem, quarta-feira, pela primeira vez na atual gestão da Celos, o Conselho de Curadores da fundação. Representando os funcionários lá estiveram os curadores Antonio Vituri, Aldo Guido Votto e Claudius Girard. O Linha Viva dará detalhes da reunião na próxima edição.

Na luta pelo regresso

Dia 4 de outubro, a Comissão Especial que estuda as demissões e possíveis reintegrações dos demitidos na gestão Collor, deverá entregar a conclusão dos seus trabalhos ao presidente Itamar, que decidirá sobre o assunto. A Coordenação Nacional dos Demitidos está convocando estes trabalhadores para participarem de uma caravana, dia 3 de outubro, em Brasília. Um ônibus da Intersul, com os demitidos da Eletrosul, sai de Porto Alegre, passa por Tubarão e Florianópolis e vai engrossar esta caravana.

Arte Catarinense

O eletricitário Anselmo Arlotta (Eletrosul-sede) foi um dos 54 selecionados, entre mais de 500 inscritos, para o Salão Victor Meirelles de Artes Plásticas. Segundo o crítico de arte Janga, "pelo nível das obras selecionadas, o salão reafirma a atualização do fazer artístico em Santa Catarina, integrando nosso Estado ao movimento nacional". A mostra pode ser vista até dia 16 de outubro no Museu de Arte de Santa Catarina, que funciona no prédio do CIC.

Eletricitários Premiados

Entre os 30 classificados no I Concurso Nacional de Poesia *Linguagem Viva* estão cinco catarinenses, dois deles eletricitários: Luiz Cezare Vieira e Dinivaldo Gilioli (diretores do Sinergia). 399 poetas do Brasil inteiro se inscreveram no concurso. Os prêmios (10 volumes da antologia publicada para cada selecionado) serão entregues no final de outubro na União Brasileira de Escritores, São Paulo.

Lucro não interessa

A procuradoria Geral da República está atrás de mais um escândalo envolvendo a Eletrobrás. Vai abrir inquérito civil público para apurar irregularidades no episódio do aumento de capital da estatal. É que a Caixa Econômica Federal e a União deixaram de ganhar 80 milhões de dólares quando renunciaram ao direito de subscrição de suas ações. O deputado estadual Milton Temer (PT) vai entrar com ação popular para impedir a operação e dar direito novamente para a CEF e União à subscrição. Em tempo: quem se beneficiou com tudo isto foram 20 instituições financeiras. Quem denunciou tudo isto foram os empregados.

Novas fronteiras

A comissão diretora do programa de Privatização, definiu "novas fronteiras" para o setor elétrico. Falam agora de "privatização na margem", que significa na verdade "comer pelas bordas". A idéia é a formação de "joint ventures" para o término de 18 usinas (no total uma geração de 15 mil megawatts) ou seja, a privatização de 20% da geração elétrica do país. Só que o Estado já investiu 16 bilhões de dólares nestas usinas. O exemplo mais recente de Jacuí mostra o perigo deste tipo de transação. Antonio Emílio de Moraes, o possante empresário da Votorantim, já se candidatou a "sócio" da hidrelétrica de Serra da Mesa (Furnas), que está em conclusão. O negócio gira em torno de 1 bilhão de dólares.

Dotes Ocultos

Julio Bozano, que tornou-se o "barão" da siderurgia nacional ao comprar de forma muito discutível a Cosipa, ganhou "de lambuja", mais 410 milhões de dólares. Este é o valor do patrimônio do fundo de pensão desta empresa e, ao se tornar seu maior acionista, ele ganhou também o direito de decidir os rumos deste patrimônio. Para lembrar: a siderúrgica foi vendida por 331 milhões de dólares.

Palestra na Eletrosul

Dia 6 de outubro, às 18 horas no auditório da sede da Eletrosul (Tartarugão), o físico Luis Pinguelli Rosa, Presidente da Associação Latino-Americana de Planejamento Energético, profere palestra sobre "Empresa Pública X Empresa Privada: Um Projeto Nacional", promovida pela Aprosul.

Bill diz ao que veio

Após ter apoiado o golpe de Estado na Rússia, o presidente norte-americano Bill Clinton, disse na ONU, esta semana, que seu país usará sua posição singular no mundo para "expandir e reforçar a comunidade das democracias do mundo baseadas no mercado". E arrematou que os EUA procurarão "ampliar o círculo de nações que vivem em instituições livres". Resumindo: para o Império Americano o mercado (leia-se interesse do grande capital) está bem acima da democracia.

EXPEDIENTE

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina com tiragem de 7.500 exemplares. Diretor Responsável: Rosemeri Dolor Siqueira. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 6166) e Marli Cristina Scamazzon (DRT/RS4966). Ilustrações: Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis. Impressão: Gráfica do jornal O Estado. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP: 88015-030. Fone (0482) 22-3866 Telefax: (0482) 23-5596. Cartas para a Tribuna Livre não podem ter mais de 30 linhas, e sua publicação fica a critério dos editores. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

Pressão viabiliza acordo

Foi definido na Delegacia Regional do Trabalho de Santa Catarina, na terça-feira à tarde, uma proposta da diretoria da Celesc para a Intersindical a respeito da pauta de negociação da campanha 93/94. Depois disso, durante a quarta-feira as assembleias regionais discutiram e deliberaram sobre o assunto.

De "incremento" a "incremento", como chamou o Diretor Administrativo da empresa, Paulo César da Silveira, a Celesc acabou cedendo em novos itens da pauta dos trabalhadores. Um foi o abono de 85% do salário fixo de agosto, a ser pago dia 1º de outubro de 1993 (antes só concordava com 50% do salário fixo de agosto). Outro foi sobre a extensão dos di-



Assembleias lotadas mudaram o rumo das negociações com sua pressão

reitos trabalhistas da categoria para novos empregados: se quiser fazer novas contratações e reduzir os direitos destes empregados a Celesc terá que antes fazer um acordo coletivo com a Intersindical. A empresa manteve ainda a oferta de correção em

outubro pelo FAS (Fator de Atualização Salarial), para todos os salários, que será de 79,18% do salário de setembro.

Mas a empresa não aceitou a política salarial de reajustes mensais de 100% da inflação. Por isto, no curso das negociações a Intersindical passou a pedir a linearidade da lei para todos. A empresa concordou com a linearidade somente a partir de dezembro. Sua proposta é dar, em novembro, reajuste apenas para a faixa dos salários até 6 mínimos, de acordo com a lei (IRSM menos 10% - IRSM = Índice de Reajuste do Salário Mínimo). Em dezembro e janeiro dará o mesmo IRSM menos 10%, mas desta vez para todos os salários.

Em fevereiro/94 o reajuste quadrimestral será feito de tal maneira que zerará as perdas para os menores salários, mas não o fará para os salários mais altos da empresa. Estimando-se que a inflação continue em 35% ao mês, em fevereiro 95% da categoria terá sua perda recomposta.

Daí para frente será aplicada a lei salarial do governo para todos até setembro. O Diretor Administrativo reconheceu a perda de salários para quem ganha mais de 6 mínimos em novembro, "mas ela deverá ser discutida só na próxima data-base."

A negociação na DRT foi acompanhada por mais de 300 trabalhadores e intermediada pela nova delegada regional do trabalho, Thais Helena Lippel, que falou numa nova ótica na DRT: "dar ênfase à mediação nas relações de trabalho, fortalecendo a negociação".

A Intersindical avaliando esta proposta vê que além de manter os benefícios existentes, além do zeramento das perdas e garantia de emprego, também contém pequenos avanços em algumas cláusulas, e por isto se comprometeu na DRT a encaminhar a proposta favoravelmente nas assembleias.

Fotos: Gastão Cassel



Na DRT, mediação da delegada encaminhou o entendimento

Consciência maior

Os empregados da Celesc que pararam, na terça-feira, na frente da DRT e nos locais de trabalho, para aguardar as negociações, decidiram que querem que este período - a ser descontado dos seus salários -, seja doado ao Comitê Contra a Fome Pela Vida. A empresa havia avisado anteriormente que irá proceder o desconto como ausência justificada. Além da força para lutar, estes empregados estão mostrando com esta atitude, sua sensibilidade para com aqueles que não têm emprego e passam fome.



Eletricitários de todo o estado vieram para acompanhar as negociações. Concentração em frente à drta foi decisiva

Retratos da fome

A cada dia mais pessoas se engajam nas Ações da Cidadania Contra a Miséria e Pela Vida. E o esforço começa a dar resultados concretos. O reporter Jacques Mick (Folha Sindical/Ipsis Litteris) acompanhou a entrega de cestas básicas em favelas de Florianópolis e construiu com textos e fotos um pequeno perfil de quem passa fome na capital de Santa Catarina.

No labirinto da favela

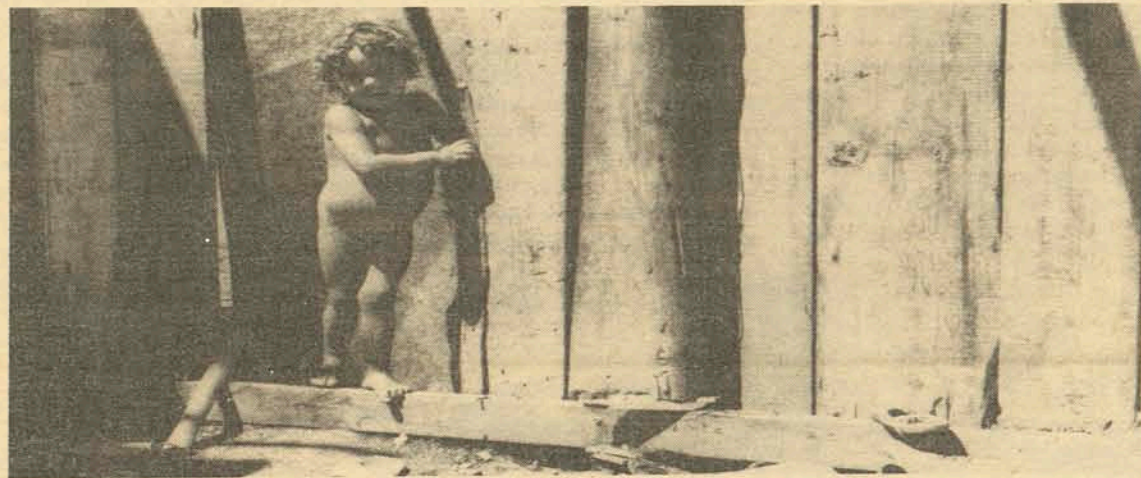
O labirinto leva à favela. Saindo da estrada principal, o caminho é de terra e a primeira curva é à direita. Seguem-se várias, serpenteando entre as casas até que a rua começa a ficar íngreme demais, esburacada demais, e as crianças empinam pipas ou jogam bola na rua. É o sinal de que chegamos.

Assim é o mapa que leva qualquer forasteiro a nove entre dez favelas de Florianópolis. Lá dentro, o labirinto continua, multiplicado pela estreiteza das vias e pelo número infinito de bifurcações ao final de becos que pareciam sem saída. E ainda há outro labirinto, escondido atrás dos amontoados de tábuas.

Na favela, os rostos conhecidos de artistas, empresários, políticos, pequeno-burgueses de glória efêmera, não existem. As multidões de favelados têm uma mesma cara nas estatísticas dos institutos de pesquisa. Mas são 32 milhões de faces diferentes na vida real. Por trás de cada necessidade, há uma história. Na terra árida da carência, também brotam as árvores dos sonhos.

É possível notar tudo isso em três horas. É o tempo levado para o Comitê da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e Pela Vida acompanhar a distribuição de 19 cestas básicas de alimentos em três comunidades carentes da Grande Florianópolis, na segunda-feira, 27. Nas favelas do Morro do Avai e Área Verde (em Forquilha) e Vargem do Imaruê (em Pica-das), as sacolas de comida foram parar nas mãos das famílias mais pobres. Classificadas na tênue hierarquia entre quem já não tem nada e quem está arriscado a perder até a vida.

Nos olhos molhados do ex-cozinheiro, nas barrigas prenhes em todo lugar (a favela está grávida de mais miséria), em cada barraco acompanhado da onipresença do mar, uma pergunta segue sem resposta, no labirinto das vidas: Onde é que essa estrada vai dar?



As crianças de Maristela: almoço salvo pela cesta da Ação da Cidadania

"Tem que dar a mão. Se alguém soltar, a vida escapa"

Osmar da Silva já foi responsável pela comida de gente tão famosa quanto a Xuxa, mas hoje tem que pedir uma cesta básica à freira que vai visitá-lo na favela do Morro do Avai, na Grande Florianópolis. A vida desse ex-cozinheiro de estrelas passou há pouco por essa irônica metamorfose. "Nasci em berço de ouro; hoje, o berço é de lata", diz Osmar, alisando os cabelos da filha de 8 anos, que não vai à escola porque é caro.

Osmar não é o estereótipo do favelado. Branco e de olhos claros, 35 anos, ele é mais parecido com a legião de imigrantes que povoaram Santa Catarina no século passado. Nasceu em Cri-

úma, estudou em colégio de padres, tinha tudo para viver bem o resto da vida. Até que a primeira mulher morreu.

Virou alcoólatra, perdeu o emprego e foi parar na cadeia, por porte de droga. Tatuou os braços e o peito com uma tinta azul. Livre - como a pomba desenhada no ombro direito -, acabou voando para a favela. Casou de novo e teve a filha. Trabalha na Ceasa, a CR\$ 400 por dia, descarregando caminhões desde a madrugada. Volta para casa com tomates apanhados numa ou noutra banca, que serão divididos com os outros favelados.

O futuro, para Osmar, é um convite para ir em novembro a uma praia do Norte do estado, cuidar da cozinha de um restaurante. "Tudo o que você quiser, de uma lagosta a um arroz montanhês, um filé chateaubriand, eu sei fazer", diz. Ele exibe um sorriso sem dois molares inferiores, com cáries nos outros dentes. "Para acabar com essa miséria", explica, "tem que dar as mãos como num círculo. Se alguém solta, a vida escapa".



O cozinheiro de gente famosa sem comida e sem futuro.

Fugindo da morte na miséria da capital

João Rosa conta que sua primeira mulher quis matá-lo, envenenado com potássio. Foi esse infortúnio - uma dessas obras-primas do destino - que acabou forçando sua mudança para Florianópolis, faz muito tempo. Aos setenta anos, desdentado e com a pele sulcada como a terra arada, não sobrou muito do seu João. Mas o que sobrou ainda tem boa memória. Nasceu perto de Bom Retiro e foi agricultor a maior parte da vida. Lembra que foi trabalhar, com dois amigos, numa fazenda perto de lá. Viveram bons momentos, plantando milho e colhendo espigas de trinta centímetros - a distância entre uma mão e outra, no gesto largo que seu João faz quando conta a história. Lembra também da reação do dono da fazenda ao lado, que nunca ninguém conhecera. Até que seu João e os amigos mataram um porco e o dono apareceu para reclamar - mas já era tarde.

De lá, voltou para a cidade e foi vítima da tentativa de homicídio. A mulher dele era uma fera. Seguindo o conselho do delegado, fugiu de lá. A centena e meia de quilômetros que separa a viagem de Bom Retiro para Florianópolis mediu bem mais para o seu João. A vida foi aumentando em idade e viço já na rodovia do êxodo.

Rir das desgraças, seu João consegue, mas fica engraçado com as gengivas peladas. Nos últimos

tempos, ele tem menos motivos para rir - e menos dentes. A nova mulher, que não mora com ele, tem incomodado. Reclama da vizinha de cima, uma pobre que nem esgoto tem, que quando lava a roupa derruba um pouco da água na casa de baixo. "O problema é quando eles tomam banho", ri o seu João.

Dinheiro ele não tem. Mas seu João é duro. Arruma algum, vendendo papel. E cultiva uma pequena horta na frente de casa, num terreno de três por dois, cheio de pedras que ele afasta uma a uma. Na plantação,



O que atrapalha é a barriga

A primeira gravidez de Maristela veio só aos 21 anos. Meio tarde para a favela, onde quem não é menina já é mãe. Em compensação, aos 26 anos, Maristela tem que se virar com seus cinco filhos. O que atrapalha é a barriga - o sexto deve chegar nos próximos dias. "Eu queria que eles me ligassem as trompas", diz Maristela.

Ela passa os dias em casa - o barraco de dois por quatro, sem luz e esgoto, com uma água esverdeada escorrendo de um cano nos fundos. As cinco crianças andam descalças sob uma mistura de lama e merda. Os dois menores são meninos e estão nus. Maristela disfarça: "Esses não conseguem ficar de roupa". Faz o calor dos primeiros dias da primavera, depois de quase uma semana de chuva, e o que resta do vestuário da família está no varal.



Maristela: cinco filhos no mundo e um na barriga para passar fome

oscilando como um pêndulo sobre o hábito. Maristela sabe que os vizinhos reclamam. E se conforma: quem não o faria, com a água suja dos outros caindo na cabeça?

"O que eu queria mesmo que vocês me ajudassem era para construir um banheiro", pede Maristela. O marido dela trabalha na construção civil e ganha um salário mínimo - 52 dólares ao mês, já feitos os descontos e deduzida a inflação. Dá para comprar uma pia de banheiro, desde que ele não gaste nada com comida. Na ansia do parto próximo, Maristela sorri e protege a barriga com as mãos tão magras que os dedos parecem longos. E diz: "Meu marido queria menino". As três meninas e os dois meninos que orbitam ao seu redor chupam balas sem parar. Era o café da manhã deles e - se não fosse a comida que acabava de chegar ("Deus abençoe vocês") - seria também o almoço.

É hora de erradicar a miséria

Herbert de Souza (Betinho)*
Articulador Nacional da Ação da Cidadania Contra a Miséria e Pela Vida

O Brasil foi produzindo ao longo da História a riqueza e a pobreza. Mas nós nos acostumamos com a pobreza como se ela fosse um fato absolutamente natural. Com o tempo, ela se transformou em indigência e a riqueza se transformou num escândalo. E nós, agora, estamos assustados, assustados com o país em que vivemos, com a falta de futuro, com o presente que faz da vida das grandes cidades um pesadelo e da vida do campo uma contínua pobreza.

Mas chegou o momento de reverter este quadro, de erradicar a miséria, de acabar com a pobreza, de não aceitar mais como natural que tudo isto aconteça, de mobilizar as consciências, de mobilizar a cidadania, de mobilizar cada pessoa para transformar esta questão não numa questão do Governo, não numa questão do Estado, não numa questão do outro, mas numa questão de cada um, num problema a ser resolvido por todos, solidariamente e de forma concreta.

Nós temos alguns problemas que são absolutamente emergenciais: 32 milhões estão com fome. Trata-se de matar a fome de 32 milhões. A fome não espera. A fome não pode esperar dez anos para ser resolvida. A fome precisa de comida já.

Mas estas pessoas que estão com fome precisam trabalhar, precisam viver. E nós precisamos de nove milhões de empregos já! Empregos que paguem salário. Mesmo que seja o salário mínimo, mas que paguem alguma coisa para que as pessoas, em troca do trabalho, possam comer, dormir, vestir, educar. Esta é a urgência, essa é a emergência.

Mas para criar nove milhões de empregos é preciso que o país transforme a luta contra a miséria e a fome na prioridade absoluta do Governo e da Sociedade. O Governo já disse que a luta contra a miséria é sua prioridade absoluta. Disse, afirmou publicamente; fez até um plano. Mas é preciso que a sociedade também diga que erradicar a miséria é a sua prioridade absoluta.

Há um capítulo especial nessa luta: é que na população pobre, que é a maioria, dentro dela, nas casas ou nas ruas, existem seres que nunca se perguntaram como iriam sobreviver sem a solidriedade dos pais, das mães, da sociedade. Milhões de crianças brasileiras. Milhões de crianças brasileiras que passam fome, que tem que trabalhar aos dez anos de idade, que tem que sair de casa para as ruas para ajudar no sustento de suas famílias, que não têm escolas adequadas, que não têm saúde.

Cerca de 150 mil crianças morrem de fome e miséria neste país. São seis Vietnãs sem nenhuma bomba explodida nas nossas cabeças, mas sim nas nossas consciências.

As crianças, dentro da luta contra a miséria, constituem prioridade absoluta, sim. Porque, se uma sociedade é capaz de fazer isso com adultos, pelo menos que não seja capaz de fazer isto com crianças.

* Matéria especial para a agência Ipsis Litteris, da Fundação Adelman Genro Filho.

Golpe vira moda novamente

Quem pensava que a fase de golpes contra a democracia na América Latina já havia passado, se enganou. A sociedade brasileira está constantemente exposta a novas tentativas. As mais recentes foram a eleição de Fernando Collor de Mello e o plebiscito sobre forma e sistema de governo. Mas

as ameaças não pararam por aí. A última, e talvez a mais perigosa, ainda está presente: A Revisão Constitucional. Marcada para iniciar no dia 6 de outubro, a revisão da Lei maior do país, sob pretexto da garantia da governabilidade, poderá ser o mais duro golpe à população brasileira dos últimos tempos.

Não satisfeita com as derrotas amargadas nas últimas tentativas,

as oligarquias nacionais identificam, agora, a reforma da Constituição como única forma de promover o desenvolvimento nacional. Elas desconsideram, no entanto, que legislação nenhuma vai garantir desenvolvimento, se não existir vontade política e planos consequentes para combater os principais problemas sociais como desemprego, saneamento, educação, fome, salários, saúde e outros, o que não está presente na cabeça dos nossos governantes. Pelo contrário os alvos da Revisão Constitucional demonstram que está em jogo a abertura do país para o capital nacional e internacional.

Os partidos que historicamente estão em defesa do povo brasileiro, já fecharam posição contrária a revisão agora. Motivo principal: dos 308 artigos da Constituição de

1988 que necessitavam de regulamentação só 131 foram regulamentados, faltando mais da metade (177) para serem apreciados. Como um Congresso que não conseguiu dar conta das suas atribuições em toda uma legislatura, vai conseguir em três meses (última proposta apresentada) refazer a Constituição? Este também foi o motivo que levou entidades organizadas, que sempre buscaram garantir os direitos civis do cidadão, se rebela contra a revisão já. Preocupados com o retrocesso nos direitos sociais incluídos a duras penas na Lei maior, a OAB, CNBB, UNE, ABI e outras tantas entidades representantes dos trabalhadores, voltaram às ruas para impedir as reformas.

Revisão da Constituição põe conquistas em perigo

Os partidos de esquerda já tomaram posição contrária à Revisão Constitucional. O PSDB e o PMDB são favoráveis mas existem divergências de alguns parlamentares. Em situação pior se encontram os partidos governistas que defendem a revisão já, mas revelam um profundo dilema. De olho nas eleições do próximo ano, os parlamentares destes partidos sabem que o que eles pretendem mexer na Constituição poderá resultar em danos irreparáveis para as candidaturas das suas siglas no próximo pleito. Com medo disto, e cientes de que o processo revisional certamente irá se chocar com as campanhas políticas, eles tem demonstrado certa cautela ao manifestar suas posições. O próprio presidente Itamar vê com reservas a revisão. As mudanças que ele necessita para "governar o país" são urgentes, e a revisão deve ser demorada. Ninguém defende abertamente, mas muitos a desejam. Mas afinal, o que está em jogo?

Direitos sociais - Jornada de 6 horas, licença maternidade e direito de greve, estas poucas conquistas incluídas na Constituição atual

estão ameaçadas, metade dos parlamentares são favoráveis a modificações nestes itens;

Petróleo - todo o processo de extração do petróleo é monopolizado, o capital nacional e internacional tem interesse em quebrar o monopólio para facilitar o trabalho das multinacionais e privatizar a Petrobrás;

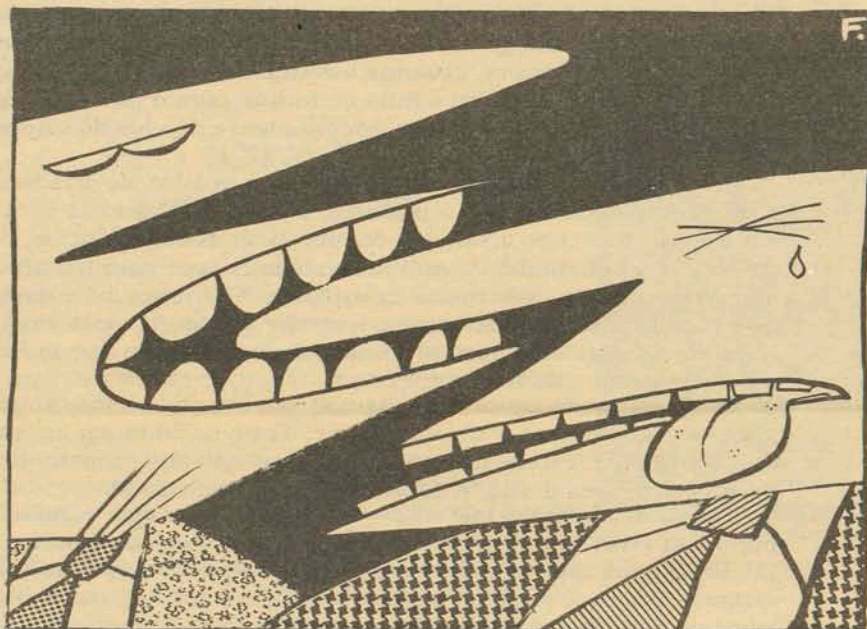
Previdência - está ameaçada a aposentadoria por tempo de serviço, muitos empresários defendem o seu fim e a própria gestão da previdência (privatização);

Sistema Eleitoral e Setor Elétrico - os parlamentares defendem a introdução do voto distrital, visando somente a manutenção do coronelismo no Congresso;

Subsolo - a exploração dos recursos minerais é monopolizada pelo Estado, mais uma vez, a sua mudança interessa ao capital internacional;

Funcionalismo - fim da estabilidade do funcionalismo público;

Telecomunicações - serviços, hoje, explorados pela União. Novamente é interesse dos grandes grupos nacionais e internacionais a quebra do monopólio.



Protestos em todo o país

Ontem, 29 de setembro, foi o Dia Nacional de Luta Contra a Revisão Constitucional. As entidades que compõem o Comitê contra a revisão realizaram atividades nas principais cidades do país. A intenção era chamar a atenção da população para os perigos de uma revisão dentro da atual conjuntura e fazer algum tipo de pressão nos parlamentares. A CUT/SC fez um Ato Público no Largo da Alfândega em sinal de protesto no final da tarde. Mas as atividades no local começaram mais cedo, desde as 15 horas com apresentações artísticas de grupos teatrais e de música. Em diversos municípios do interior também houve manifestações.

O Comitê Contra a Revisão Constitucional de Santa Catarina foi criado no dia 9 de setembro, num ato político realizado na Sala das Comissões da Assembleia Legislativa. Desde então o comitê tem se reunido todas as terças-feiras na sede da OAB. Diversas atividades como debates, panfletagens e coletas de assinaturas já foram realizadas. Para o ato público foram feitas panfletagens durante dois dias nos principais locais de aglomeração popular. Durante vários dias, o comitê esteve no Calçadão colhendo assinaturas contra a revisão que serão encaminhadas para o Congresso Nacional. No ato de ontem falaram, além dos partidos políticos, representantes das entidades como OAB, CNBB, CUT, UNE, entre outros.

Inicia campanha na Eletrosul

UMA
VIVA

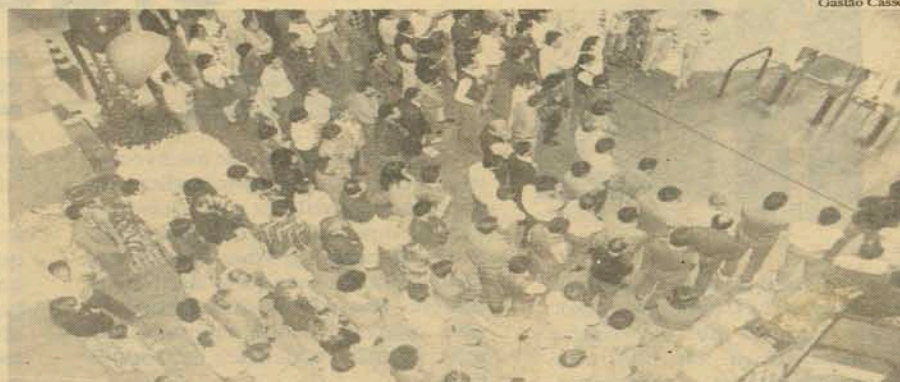
Com o slogan "Eletrosul empresa pública sempre" a Intersindical dos Eletricitários do Sul do Brasil iniciou ontem (dia 29) oficialmente a campanha salarial deste ano na Eletrosul. Houve uma concentração de cerca de 180 pessoas no saguão da sede para marcar a entrega da pauta de reivindicações dos trabalhadores à empresa. A Intersul lançou no mesmo dia cartazes, adesivos e camisetas com a marca da campanha.

Na concentração os dirigentes do Sinergia lembraram que os eletricitários da Eletrosul têm uma tradição de lutas a ser retomada. "Estão querendo nos tirar os mínimos direitos e se

não fizermos nada dificilmente vamos deixar de perder", lembrou Delman Ferreira.

Mauro Passos aproveitou para lembrar que a realização de assembleias lotadas na Celesc mudou o rumo das negociações favoravelmente aos trabalhadores.

EMPRESA PÚBLICA - O slogan da campanha visa resgatar a luta dos eletricitários contra a privatização e o sucateamento da Eletrosul. "Não é uma campanha salarial somente, mas uma verdadeira campanha de defesa dos direitos dos trabalhadores e do patrimônio público que está sendo dilapidado", explicou Mauro Passos.



Concentração na sede marcou entrega da pauta de reivindicações

Manifestações como a que aconteceu na sede deverão ocorrer em todas as áreas descentralizadas, com a distribuição da pauta de reivindicações a todos os empregados.

As camisetas estão sendo vendidas a CR\$ 300,00 e podem ser encontradas com os representantes sindicais e diretores dos sindicatos.



Deputados gaúchos recebem Intersul e se espantam com o Consórcio para Jacuí

O presidente da Assembleia Legislativa do RS, Renan Kurtz, concedeu audiência à Intersindical dos Eletricitários do Sul do Brasil - Intersul no último dia 22, quando recebeu o documento *Um Negócio Obscuro - Relatório sobre o Consórcio Copelmi/Jacuí*. Kurtz se comprometeu publicamente a debater o Consórcio na Assembleia Legislativa, ouvindo as partes interessadas afim de que este processo ocorra com a maior transparência possível.

Logo após o encontro a Intersul fez uma esplanção de suas preocupações para as li-

deranças partidárias daquela Casa, encontrando nas mesmas uma grande receptividade e a preocupação comum com a falta de transparência que envolve este negócio de 260 milhões de dólares.

Aparentemente contrário a esta iniciativa, encontra-se o presidente da Eletrosul, Cláudio Ávila da Silva. Em correspondência encaminhada à Intersul, no último dia 23, fazendo referência ao Dicionário Aurélio, procura demonstrar que não há obscuridade neste negócio tendo em vista os documentos e o nível de informação que a Intersul detém sobre a matéria.

De forma alguma os argumentos de Ávila caracterizam a transparência e a publicidade do negócio, tendo em vista que os documentos que compõem o relatório chegaram ao Sinergia anonimamente, em forma

de denúncia. Prova apenas, diante da veracidade dos mesmos, a responsabilidade da Intersul no tratamento do assunto.

Chamou a atenção da Intersul a participação do deputado Germano Bonow (PFL/RS) neste episódio. O deputado afirmou que esteve em Florianópolis no final de agosto falando com o presidente da Eletrosul e colocando-se como interlocutor junto às empresas que formariam este consórcio.

O *Saiba*, veículo de comunicação da Eletrosul, não registrou o encontro de um deputado com o presidente da empresa, sendo o assunto tratado de maior interesse para a Eletrosul. A imprensa local também não cobriu uma reunião que tratava de 260 milhões de dólares. O próprio diretor de engenharia da empresa (área responsável por Jacuí) declarou à diretoria do Sinergia que não sabia quem era Germano Bonow e muito menos da tal reunião.

Por estas razões é que a Intersul está convencida da obscuridade do consórcio e está empenhada na busca de uma completa transparência nos negócios que envolvem qualquer assunto da empresa.



Renan Kurtz diz que vai levar o debate ao plenário da Assembleia gaúcha



A cidadania e o "Cidadão Kane"

**Gastão Cassel
Da equipe do LV**

Esta é a programação de cinema do Centro Integrado de Cultura até a próxima quarta-feira. Os eletricitários têm direito a meia entrada com a apresentação da carteira do Sinergia, conforme convênio do Sindicato com o CIC.

Dia 30 - Quinta-feira
21h - Indochina
Dia 01 - Sexta-feira
21h - Indochina
Dia 02 - Sábado
19h - O retorno de Casanova
Dia 03 - Domingo
19h - O retorno de Casanova
Dia 04 - Segunda-feira
21h - O retorno de Casanova
Dia 05 - Terça-feira
21h - Indochina
Dia 06 - Quarta-feira
Não haverá sessão
Qualquer alteração na programação é de exclusiva responsabilidade do CIC.

Um dos assuntos que mais reclama um posicionamento radical da sociedade brasileira é a monopolização dos meios de comunicação. Por esta razão estamos vivendo a **Quinzena de luta pela democratização dos meios de comunicação**, que está sendo marcada por atos, reuniões e debates em todo o país.

É chato repetir que no Brasil tudo o que se lê, ouve ou vê na mídia é controlado por nove famílias. Mais desagradável, no entanto, é saber que este fato impressionante não tem sido motivação suficiente para mobilizar os setores mais organizados da sociedade.

A monopolização e o descompromisso dos meios de comunicação para com a sociedade devem ser discutidos com a atenção que merecem as coisas que nos atingem por todos os flancos. Não pode haver cidadania sem a democratização da comunicação, pois é o fluxo de informação que possibilita que as pessoas se apropriem da realidade e formem uma opinião sobre ela para então agir conforme a sua consciência de cidadão.

É impossível pensar o mundo de hoje sem a agilidade dos veículos de comunicação, que colocam, dentro de nossas casas um guerra longa, um fato político distante, uma descoberta científica, etc... Este meios e suas mensagens constroem em nossas mentes uma noção de totalidade do mundo que não

seria possível sem este avanço tecnológico. O jornalismo, especialmente, vai constituindo uma forma de conhecimento que socializa o mundo, que o transforma em uma "aldeia global".

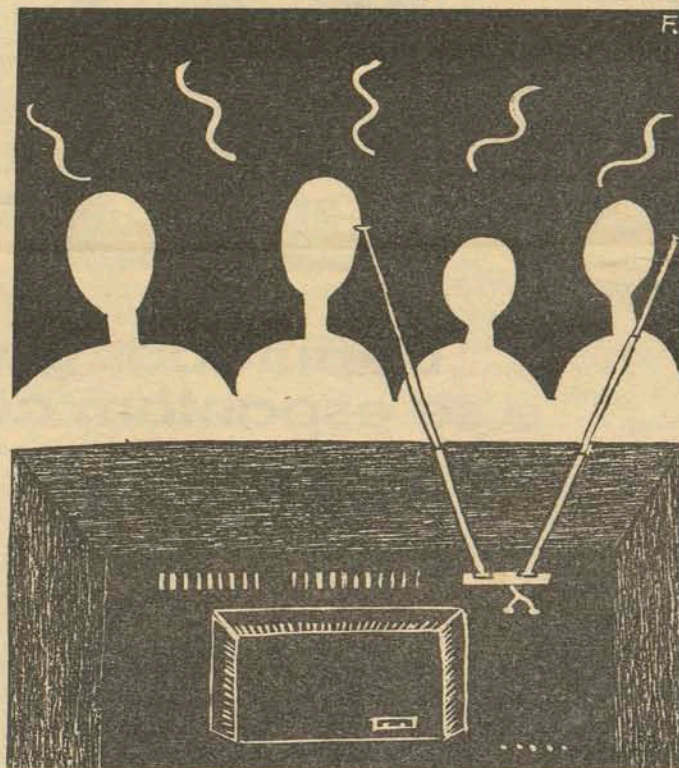
Esta agilidade, contudo, pode ser uma faca de dois gumes, posto que a manipulação pode construir um mundo distorcido em nossa cabeça, uma representação alegórica distinta da realidade. Este fato coloca pelo menos duas questões para os cidadãos: o conteúdo ético dos meios de comunicação e a necessidade de um controle social sobre eles.

Os meios de comunicação quando ganham a característica de entretenedores (especialmente a TV) não perdem o potencial de formadores e reprodutores de idéias, nem a característica de "avalista da verdade" que faz com que se acredite no que se vê na telinha e torne tênue a linha que separa ficção e realidade. O que dizer das cada vez mais numerosas cenas de violência, da banalização da sexualidade, e dos preconceitos que invadem diariamente os cérebros desavisados de crianças, adolescentes e adultos?

Estes não seriam motivos suficientes para que cidadãos, sindicatos, associações e parlamentares assumissem a bandeira da democratização da comunicação com radicalidade? Esta luta não mereceria uma ação da cidadania tão veemente quanto a que vemos contra a fome?

Mas esta bandeira continua guardada na maioria dos casos,

mesmo aqui no país onde há o maior monopólio do mundo, onde concessões de rádios e TVs são moeda corrente para comprar votos de políticos. Onde os monopólios elegem presidentes e os depõem ao seu prazer e conveniência. Aqui a censura militar deu lugar à econômica. E embora o mundo pasme diante de um documentário sobre o poder da Rede Globo e compare seu proprietário ao lendário Cidadão Kane, o poderoso e inescrupuloso homem de negócios do clássico do



cinema, nós seguimos embasbacados consumindo o produto e mundo que a Globo inventa a cada jornal, a cada programa.

Democratização da comunicação tem sido assunto proibido e um dispositivo constitucional que abre democratização através da criação de um Conselho de Comunicação Social continua na letra morta, aguardando a Revisão para ser varrido dos pesadelos dos monopólios.

E a gente aqui, aguardando o próximo intervalo comercial.

Sinergia mostra vídeo sobre a Globo produzido na Europa

O Sinergia apresenta nesta sexta-feira, às 18h30min no seu auditório (Lacerda Coutinho, 149) o vídeo **Brasil: Além do Cidadão Kane** produzido pelo Canal 4 de Londres e que fala sobre o fenômeno da Rede Globo no Brasil.

O vídeo de 40 minutos é dublado e é o retrato do monopólio da comunicação e do poder concentrado na mão de Roberto Marinho, proprietá-

rio da Globo. Na época em que o documentário foi ao ar na Europa, Marinho usou de vários artifícios jurídicos para tentar impedir sua veiculação. A resistência do empresário acabou dando enorme publicidade ao trabalho que hoje circula em diversos circuitos alternativos pelo país.

A promoção é conjunta com a Fundação Adélio Genro Filho